

# *Evidências dos primeiros contactos com o mundo romano em Monte Molião (Lagos, Portugal)*

# *The first contacts with the Roman world in Monte Molião (Lagos, Portugal)*

ELISA DE SOUSA

Universidade de Lisboa –Uniarq (e.sousa@campus.ul.pt)

INÊS SILVA

Universidade de Lisboa –Uniarq(inesdomingos1@campus.ul.pt)

CARLOS PEREIRA

Universidade de Lisboa –Uniarq (carlos\_samuel\_pereira@hotmail.com)

ANA MARGARIDA ARRUDA

Universidade de Lisboa –Uniarq (a.m.arruda@letras.ulisboa.pt)

**Resumo:** Escavações realizadas em 2016 no sítio de Monte Molião, no Sudoeste do Algarve, permitiram identificar um nível arqueológico, localizado numa área de arruamento, que proporcionou um conjunto significativo de materiais. A grande maioria integra-se, sem grande dificuldade, nos horizontes artefactuais característicos da Idade do Ferro, destacando-se a presença de ânforas oleícolas produzidas na Campiña Gaditana, outras que envasaram preparados piscícolas da baía gaditana, e outras ainda produzidas no Baixo Guadalquivir. Esta predominância de materiais típicos das últimas fases da Idade do Ferro reflecte-se também nas categorias do serviço de mesa (constituído maioritariamente por produções de tipo Kuass) e de cerâmica dita comum, sendo esta importada sobretudo da área da Baía de Cádiz e do Baixo Guadalquivir, somando-se ainda um *kalathos*, proveniente do Noroeste do território peninsular. No entanto, neste mesmo contexto recuperou-se um pequeno conjunto de importações itálicas, dentro do qual se destaca a presença de duas ânforas greco-itálicas e um prato de verniz negro da forma Lamboglia 23 de produção napolitana, permitindo este último estabelecer uma cronologia que não deverá estender-se muito para além do final do primeiro quartel do séc. II a.n.e. Trata-se, até ao momento, do mais antigo contexto arqueológico conservado identificado em todo o território português onde se documentou a presença de materiais de importação itálica, singularidade que justificou um estudo mais pormenorizado do conjunto.

**Palavras-Chave:** Algarve; Idade do Ferro; Romano; análise contextual; cultura material.

**Abstract:** Excavations carried out in 2016, in Monte Molião, located in the southwest of Algarve, allowed the identification of an archaeological context, located in an open area, which provided a significant set of materials. The vast majority of these are easily integrated in the Iron Age latest phase, with emphasis on the presence of amphorae produced in Campiña Gaditana, in the Cadiz Bay area, and others produced in the Lower Guadalquivir. This predominance of materials typical from the Iron Age last phases is also reflected in the tableware service (mainly Kuass ware productions) and in the common ware, which is imported mainly from the Cádiz area and Lower Guadalquivir, in addition to a *kalathos*, from the northwestern quadrant of the Iberian Peninsula. However, in association with this set, a small set of Italic imports was recovered, namely two Greek-Italic amphoras and a neapolitan Lamboglia 23 plate, which establishes a chronological framework for the formation of this level during the first quarter of the 2<sup>nd</sup> century B.C. It is, so far, the oldest preserved archaeological context identified in the entire Portuguese territory where the presence of italic imports has been documented, a singularity that justifies a more in-depth study of the recovered ensemble.

**Key Words:** Algarve; Iron Age; Roman; contextual analysis; material culture.

## 1. INTRODUÇÃO

As várias campanhas de escavação realizadas em Monte Molião (Lagos), desde 2006, têm permitido caracterizar as fases ocupacionais deste importante povoado localizado no Sul do território português (Algarve) (Fig. 1).

Os contextos estratigráficos escavados até à data indicam que o local começou a ser habitado a partir da segunda metade do século IV a.n.e., tendo permanecido ocupado até ao final do século II d. C. (Arruda *et alli* 2008; 2011; Arruda e Pereira 2010; Arruda e Sousa 2013; Arruda e Viegas 2016; Pereira



**Figura 1.** Localização de Monte Molião no território actualmente português (esquerda); zona norte do sector A, com indicação da extensão da U.E. [310] (direita).

e Arruda 2016; Sousa e Arruda 2013; Sousa *et alli* 2019).

Estes cerca de 525 anos de ocupação não estão, contudo, materializados sequencialmente na estratigrafia do sítio. Com efeito, as fases de transição entre a Idade do Ferro e o período Romano-Republicano, e posteriormente entre este último e os reinados de Tibério/Cláudio, encontram-se ausentes ou estão muito mal documentadas estratigraficamente, ainda que alguns materiais recolhidos em deposições secundárias possam indiciar a sua existência.

Com efeito, até há relativamente pouco tempo, aos últimos conjuntos da fase final da Idade do Ferro, datáveis entre o final do século III e o início da centúria seguinte (e onde os materiais de proveniência itálica estavam completamente ausentes), seguiam-se directamente os de época Romano-Republicana, caracterizados sistematicamente pela presença de ânforas itálicas do tipo Dressel 1A, que remetiam para uma cronologia avançada do terceiro quartel do século II a.n.e. A análise global dos conjuntos romano-republicanos e o cruzamento das cronologias obtidas através do estudo dos contentores anfóricos, da cerâmica campaniense, das paredes finas e da cerâmica comum, indicavam uma ocupação centrada entre 125 e 75 a.n.e. (Arruda *et alli* 2008; Arruda e Pereira 2010; Arruda e Sousa 2013; Pereira e Arruda 2016; Sousa e Arruda 2014; Sousa *et alli* 2019).

Como tal, a transição entre a Idade do Ferro e o período Romano-Republicano parecia apresentar um hiato temporal de cerca de 75 ou 50 anos. A existência deste hiato tinha, naturalmente, implicações no que diz respeito à sequência ocupacional do Monte Molião, concretamente na possibilidade de um abandono do local ou retracção do povoamento durante a fase final da Idade do Ferro, à qual se teria sucedido, durante a segunda metade do século II a.n.e., a instalação romana, materializada num novo plano arquitectónico (Arruda *et alli* 2020). A esta última ocupação encontra-se associado um “pacote artefactual” no qual as importações itálicas ganham uma expressão muito significativa (Arruda e Sousa 2013; Dias 2015; Pereira e Arruda 2016; Sousa e Arruda 2018; Sousa *et alli* 2019).

## 2. A U.E. [310]

A campanha de escavação que foi realizada em 2016 no sítio algarvio permitiu recolher dados que colmatam, pelo menos em parte, a lacuna observada na sequência estratigráfica do sítio entre o final da Idade do Ferro e o período Romano-Republicano, possibilitando, simultaneamente, a problematização deste momento de transição.

Uma das áreas intervencionadas nesse ano incidiu num espaço detectado no sector A, que, durante a época Romana, correspondeu seguramente a uma zona



**Figura 2.** Pormenor de uma das tenazes encontradas durante a escavação de 2019.

aberta, de arruamento ou de circulação, não sendo, todavia, ainda claro se a mesma funcionalidade se pode admitir para a Idade do Ferro (Fig. 1).

Durante a fase pré-romana, as actividades desenvolvidas neste espaço estariam associadas a práticas metalúrgicas, como testemunham os abundantes fragmentos de escórias que foram recolhidos nos respectivos níveis. Seguramente também relacionadas com essas actividades estariam as duas tenazes de ferro recuperadas durante a intervenção de 2019, em Unidades Estratigráficas da Idade do Ferro. Estes artefactos foram encontrados sob um pavimento, cuidadosamente depositados numa pequena depressão (Fig. 2). Estes níveis de ocupação mais antiga ofereceram exclusivamente materiais datáveis entre o último quartel do século IV e o final do século III/início do II a.n.e., estando ausentes quaisquer importações itálicas.

Em 2016, foi identificada e removida a unidade estratigráfica que cobria, na parte Sul, estes últimos níveis da fase pré-romana, designada de U.E. [310] (Fig. 1). Trata-se de um estrato composto por um sedimento areno-argiloso de superfície irregular, indicando que poderá corresponder a um momento já de abandono, ou então

a última fase de ocupação do espaço utilizado até então. A presença frequente de elementos de escória recolhidos nesta camada parece, efectivamente, indicar uma relação directa com os níveis inferiores da Idade do Ferro.

## 2.1. O conjunto artefactual

O conjunto artefactual recuperado na U.E. [310] é extenso, contendo 152 fragmentos diagnosticáveis, que correspondem no mínimo a 100 Indivíduos (NMI).

Destes, 31 (18 NMI) correspondem a ânforas, 96 (64 NMI), a cerâmica de uso comum, três (3 NMI) a cerâmicas manuais, 20 (13 NMI) a cerâmicas de tipo Kuass, e dois (1 NMI) a cerâmica de verniz negro itálico de produção napolitana, somando-se ainda um cossoiro de cerâmica.

### 2.1.1. Contentores anfóricos

Entre os contentores anfóricos, a forma mais recorrente é o tipo Pellicer D (6 NMI). As características das suas pastas indicam uma proveniência da área de Cádiz, provavelmente da zona do Guadalete (Sáez Romero

2014; 2018a). A segunda morfologia mais representada corresponde ao tipo T-8.1.1.2 (5 NMI), cujas pastas indicam uma origem na Campiña de Cádiz (Carreteiro Poblete 2004). Deve ainda assinalar-se a presença de dois fragmentos (2 NMI) integráveis no tipo B/C de Pellicer (1978). Destes, um parece corresponder a uma produção do Baixo Guadalquivir, sendo o restante muito semelhante aos fabricos detectados para o tipo Pellicer D, podendo assumir-se, também para este caso, uma origem na área do Guadalete (Sáez 2018a). Outros dois fragmentos de ânforas são mais difíceis de classificar, atendendo ao seu estado de conservação. Um deles (1 NMI) poderá pertencer ao tipo T-8.2.1.1, talvez de produção do Baixo Guadalquivir, sendo o outro (1 NMI), provavelmente, do tipo T-12.1.1.1/2, originário da Baía de Cádiz (Ramon Torres 1995, Sáez Romero 2008, 2014).

O aspecto mais interessante do conjunto anfórico da U.E. [310] é, contudo, a associação de estes materiais a duas ânforas de produção itálica (2 NMI), que se enquadram claramente nos tipos greco-itálicos, sendo a morfologia dos bordos integrável, infelizmente de forma indistinta, nas variantes c, d ou e de Will (1982).

### 2.1.2. Cerâmica de mesa

No quadro da cerâmica de mesa, o serviço recuperado na U.E. [310] é dominado pela cerâmica de tipo Kuass (13 NMI). As formas mais recorrentes são os pratos de peixe da forma II (8 NMI) estabelecida por A. M. Niveau (2003), sendo de assinalar que todos os fragmentos de bordo apresentam a típica canelura junto ao lábio. Contam-se ainda algumas taças da forma IX (3 NMI) e dois vasos da forma VIII (2 NMI). No quadro destas produções, é interessante constatar que os fabricos do tipo I (Sousa 2009: 44-46), mais característicos da fase da Idade do Ferro, são os mais bem representados (9 NMI), sendo os do tipo III, recorrentes nos contextos tardios do período Romano-Republicano no Sul do território português, menos expressivos (4 NMI).

O elemento mais interessante no quadro do serviço de mesa recolhido neste estrato é, contudo, um bordo de um prato de peixe de verniz negro itálico de produção napolitana, do tipo Lamboglia 23, uma forma especialmente rara não só no próprio sítio de Monte Molião, como também em todo o território português. Esta escassez dever-se-á, muito provavelmente, às próprias balizas cronológicas estabelecidas

para a sua produção, que termina em momentos anteriores à fase de expansão do processo de romanização no Ocidente peninsular. Com efeito, vários autores determinam que a produção napolitana desta morfologia cessa em torno ao final do 1º quartel do século II a.n.e. (Morel 1981; Py 1993; Principal e Ribera I Lacomba 2013). Deve ainda referir-se que o exemplar recolhido no Monte Molião não exibe a canelura junto ao lábio, característica que poderá indicar uma fase tardia desta produção.

### 2.1.3. Cerâmica de uso comum

O conjunto de cerâmica comum é o mais abundante, com 64 indivíduos.

As produções predominantes são as originárias da zona de Cádiz, com 40 indivíduos. A forma mais recorrente corresponde às tigelas (23 NMI), sobretudo do tipo GDR 1.2.1, sendo escassos os exemplares integráveis nas outras variantes (1.2.2 e 1.2.3) (Sáez Romero 2005). As restantes morfologias são minoritárias, incluindo, entre as formas abertas, uma taça (1 NMI), um fundo atípico de um prato de peixe (1 NMI), duas taças de perfil carenado do tipo GDR 2.1.1/2 (2 NMI), dois bordos de almofarizes do tipo GDR 3.1.1 (2 NMI) e três alguidares (3 NMI). Entre as formas fechadas, conta-se um possível bordo de uma jarra da forma GDR 10 (1 NMI), um bordo de uma *tinaja* do tipo GDR 8.1.1 (1 NMI) e dois vasos de difícil classificação, mas que se podem aproximar ao tipo GDR 9.1.1. (2 NMI). Neste grupo, incluímos ainda um bordo de um pequeno vaso (1 NMI), tipo unguentário, com uma banda violácea no bordo, cuja pasta, apesar de não ser típica das produções da zona da baía, apresenta ainda assim características que poderiam associar-se a uma área localizada nas suas proximidades. Os restantes três indivíduos (3 NMI) não permitiram uma classificação tipológica.

O segundo grupo mais expressivo da cerâmica comum é proveniente do Baixo Guadalquivir, com 14 indivíduos. Dois deles (2 NMI) pertencem a tigelas (semelhantes ao tipo GDR 1.2.1 e 1.2.2), quatro (4 NMI) a alguidares e cinco (5 NMI) a vasos fechados, com bordo simples ou pendente, vários dos quais com bandas pintadas de cor vermelha e violácea. Um destes últimos apresenta um colo mais estreito, podendo tratar-se de um jarro. Três indivíduos (3 NMI) não possibilitaram uma classificação tipológica mais específica.

As produções locais feitas a torno entram em terceiro lugar, com apenas cinco indivíduos. Um deles per-

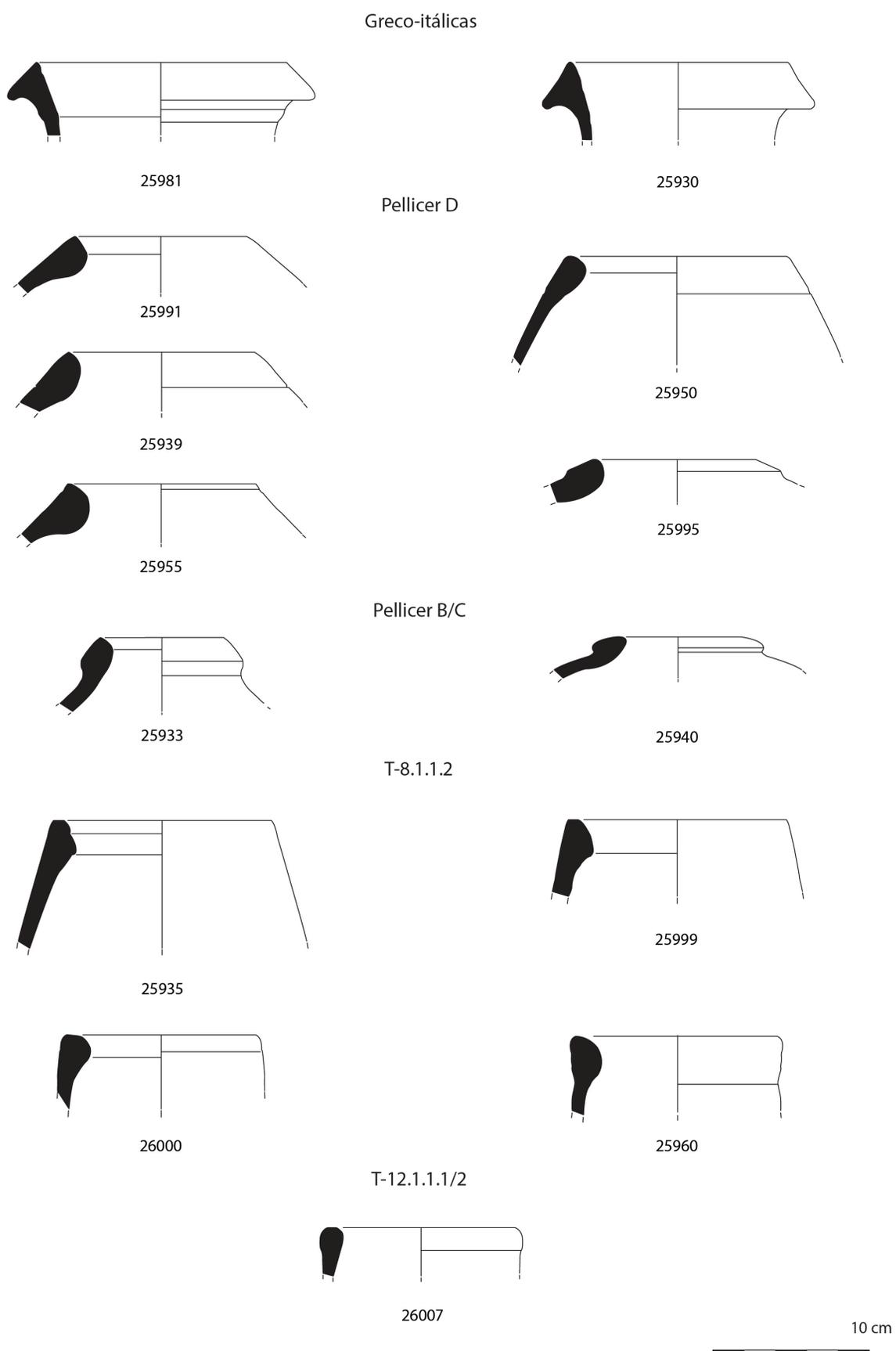
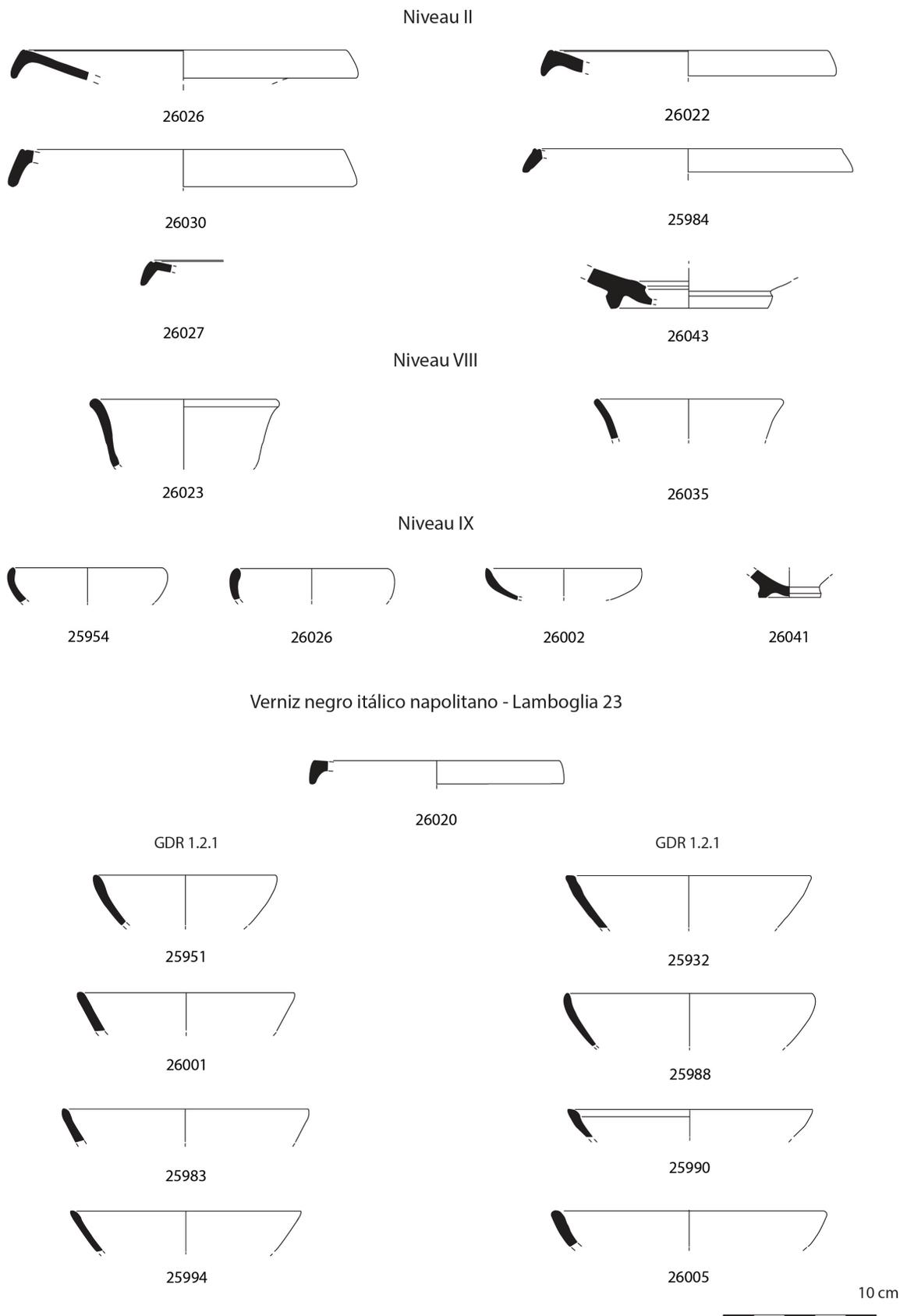


Figura 3. Contentores anfóricos de produção itálica e sul-peninsular recolhidos na U.E. [310].



**Figura 4.** Cerâmica de tipo Kuass, cerâmica de verniz negro itálico e cerâmica comum produzida na área de Cádiz recolhidas na U.E. [310].

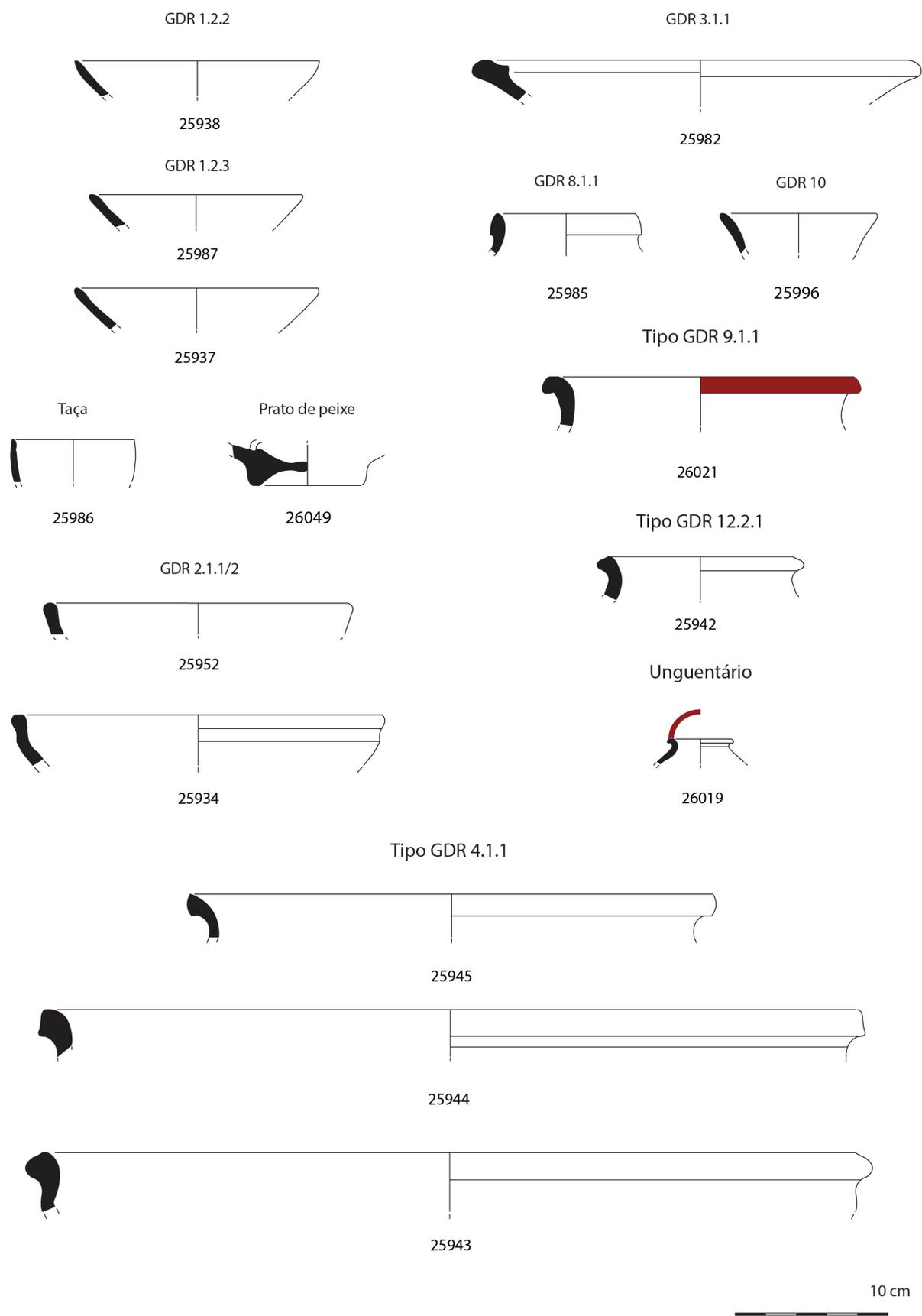


Figura 5. Cerâmica comum produzida na área de Cádiz recolhida na U.E. [310].

tence a uma tigela (1 NMI), dois a potes de perfil em S (2 NMI), um a uma forma de perfil esférico (1 NMI) e ainda um fragmento de um recipiente de grandes dimensões (1 NMI). A estas produções locais devem somar-se três indivíduos de fabrico manual (3 NMI), todos eles correspondentes a vasos fechados de perfil em S.

Interessante é também a presença de um bordo de um *kalathos*, infelizmente sem decoração conservada, mas que parece ser integrável no tipo A1 ou A2 de Conde Berdós (1991), característicos do século II a.n.e., mais especificamente da primeira metade da centúria, e para os quais se assume uma origem no Nordeste peninsular.

Por último, cabe referir a presença de alguns fragmentos de cerâmica comum aos quais não foi possível atribuir, com certeza, uma proveniência mais específica, dois dos quais (2 NMI) são particularmente interessantes. Trata-se de fragmentos de bordo de *cazuelas*, onde a zona de apoio para a tampa está muito bem sinalizada, característica que permite uma aproximação quer às cerâmicas comuns itálicas, quer às produções de cozinha gaditanas, cuja evolução se pode rastrear até aos meados do 1º milénio a.n.e. (Sáez Romero 2008; 2018b). Infelizmente, as características da pasta dos fragmentos recolhidos na U.E. [310] não são de grande auxílio para a definição da sua proveniência. Ambos apresentam pastas mediantemente depuradas, sendo os elementos não plásticos de reduzida dimensão, com presença abundante de quartzos e micas, estando ausentes, pelo menos macroscopicamente, as areias vulcânicas características da costa ocidental itálica. Contudo, não se pode excluir a possibilidade de poderem corresponder a produções de áreas mais setentrionais da Península italiana.

Os fragmentos recolhidos em Monte Molião diferenciam-se entre si apenas pela tonalidade, sendo um deles alaranjado e o outro acinzentado. Ambos exibem, contudo, marcas de exposição ao fogo, evidenciando o seu uso em actividades relacionadas com a confecção de alimentos a quente.

No que diz respeito à morfologia, estas peças possuem paredes de tendência rectilínea e reentrante em relação ao bordo, característica que não é frequente entre as produções itálicas, mas que encontra paralelos imediatos na tipologia proposta por António Sáez Romero para a área gaditana, concretamente na sua forma GDR 11.2.1, datada entre a segunda metade do século III e a primeira metade do século II a.n.e. A comprovar-se esta possibilidade, trata-se do primeiro

sítio português onde foi possível identificar a presença de cerâmicas gaditanas destinadas à confecção de alimentos, e não apenas à preparação, armazenamento e serviço de mesa. Contudo, e tal como foi referido anteriormente, não podemos excluir categoricamente a possibilidade de se poder tratar de importações itálicas.

Os restantes fragmentos de produção indeterminada correspondem a um bordo, queimado, de uma tigela do tipo GDR 1.2.1, e a um opérculo enquadável no tipo 2 proposto por Dario Bernal e António Sáez Romero (2008), cuja cronologia se estende por todo o século II, chegando a atingir o início do século I a.n.e.

#### 2.1.4. Cronologia

Os dados anteriormente apresentados obrigam a ponderar com alguma precaução as balizas cronológicas para a formação da U.E. [310].

Como já foi anteriormente referido, o conjunto artefactual exumado neste estrato é relativamente abundante. A grande maioria dos exemplares recuperados é compatível com o repertório característico da fase final da Idade do Ferro, documentado não só no Monte Molião (Arruda *et alli* 2011), mas também na restante costa algarvia (Sousa 2009; Sousa e Arruda 2010). Contudo, é também verdade que a esmagadora maioria deste “pacote” transita para a fase romano-republicana, podendo inclusivamente atingir as primeiras décadas do século I a.n.e., como ficou evidenciado por estudos específicos anteriormente realizados para o próprio sítio (Arruda e Sousa 2013; Sousa e Arruda 2013; 2014; Sousa *et alli* 2019).

No caso concreto da U.E. [310], os elementos que permitem afinar a cronologia correspondem às produções anfóricas de origem itálica e ao fragmento de cerâmica de verniz negro. Atendendo às características morfológicas destas peças, concretamente os perfis dos recipientes greco-itálicos e, sobretudo, o do prato da forma Lamboglia 23, onde a canelura sobre o lábio se encontra ausente, a proposta de uma cronologia de formação deste estrato em torno ao final do primeiro quartel do século II a.n.e. ganha consistência. Esta mesma cronologia é também compatível com a tipologia do opérculo e do fragmento de *kalathos* recolhidos na U.E. [310], bem como, aliás, das duas *cazuelas*, já anteriormente comentadas.

A confirmar-se esta cronologia, destoaria apenas a presença de ânforas do tipo T-8.1.1.2 e do tipo Pellicer B/C, que se presume terem terminado ainda durante

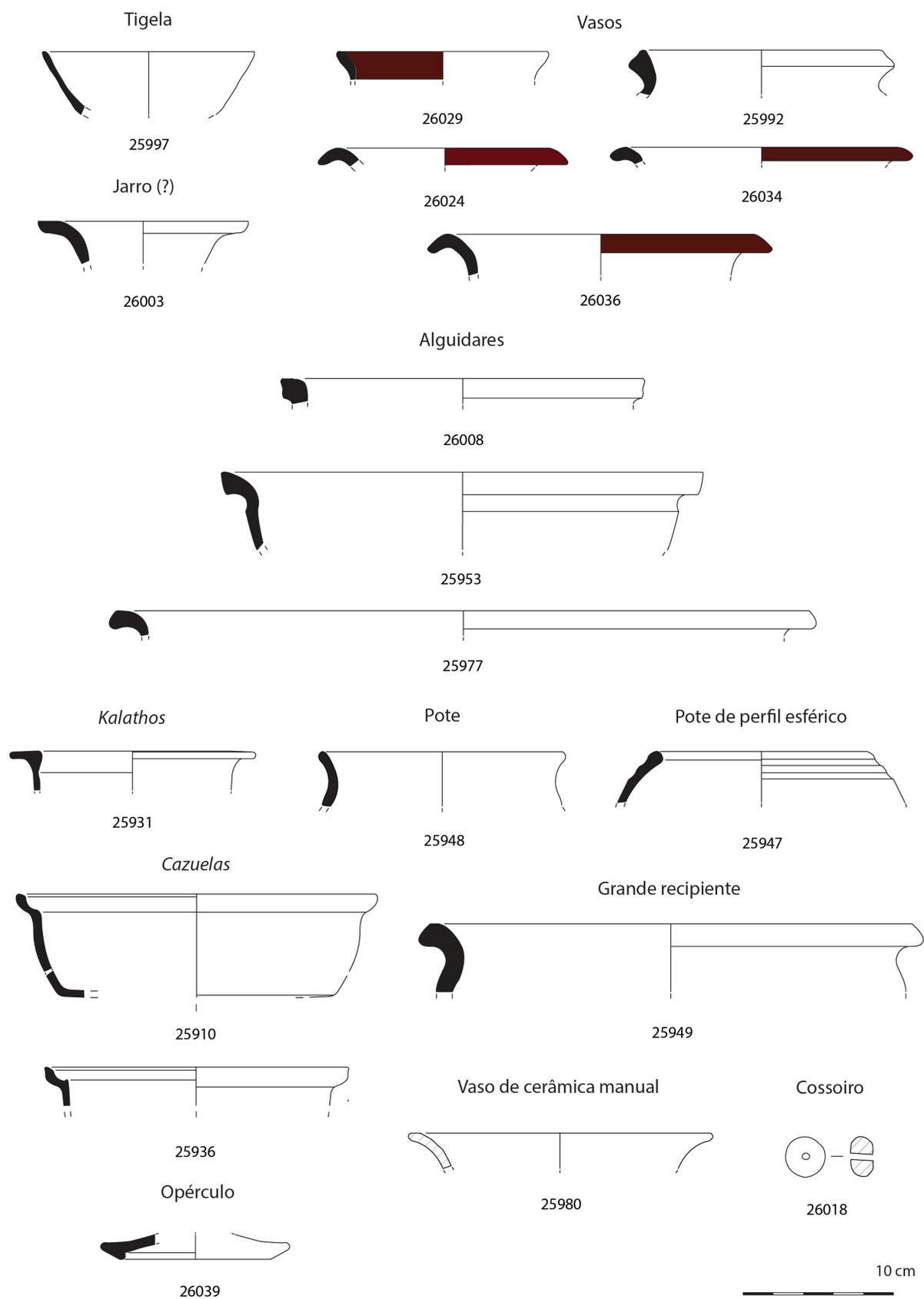


Figura 6. Cerâmica comum produzida no Baixo Guadalquivir, produções locais e produções indeterminadas recolhidas na U.E. [310].

o final do século III a.n.e. Contudo, a verdade é que a perduração do uso destes contentores até momentos mais avançados do século II a.n.e. tem sido documentada de forma recorrente, sobretudo no Sul do território português (Arruda e Sousa 2013; Sousa *et alli* 2016), pelo que podemos admitir que estas formas possam ter continuado a ser fabricadas durante a fase inicial do período Romano-Republicano.

Uma outra questão complexa diz respeito ao momento final da formação desta peculiar Unidade Estratigráfica, e que se prende directamente com a valorização da presença do prato de peixe napolitano, que, de acordo com as fases de produção propostas por vários autores, deixa de ser produzido a partir do primeiro quartel do século II a.n.e. A extrema raridade deste tipo de prato de verniz negro itálico no Sul do território português e mesmo no restante extremo Ocidente parece corroborar essa datação. Com efeito, em Portugal, o único outro local onde este tipo de prato itálico foi documentado localiza-se na zona alentejana, em Mesas do Castelinho, ainda que o nível da sua recolha tenha sido datado genericamente do século II a.n.e. (Alves 2010). Mesmo no próprio Monte Molião, que proporcionou um vasto conjunto de cerâmica de verniz negro itálico de produção napolitana, apenas um outro fragmento é integrável neste tipo, tendo sido, infelizmente, recolhido num nível de deposição secundária (Dias 2010).

Ainda assim, não se pode excluir, categoricamente, um período de amortização um pouco mais prolongado para esta peça, sendo obrigatório recordar o seu aparecimento, ainda que muito raro, em alguns contextos datáveis em torno aos meados do século II a.n.e. Mas aceitar uma cronologia mais tardia não deixa de provocar alguma inquietação, face à ausência de outros elementos desse repertório do serviço de mesa itálico, que deveriam fazer parte dos inventários desse período.

### 3. DISCUSSÃO

A importância deste conjunto recolhido em Monte Molião relaciona-se directamente com a sua antiguidade. Até ao momento, com base nos dados publicados, a presença de materiais romanos em contextos anteriores a 140/130 a.n.e. não foi reconhecida em nenhum lugar do território actualmente português. A U.E. [310] escavada no Monte Molião corresponderia, assim, à evidência mais antiga de contactos com o mundo itálico na zona mais ocidental da Península Ibérica.

Coloca-se, contudo, a questão se estaríamos perante contactos de natureza directa ou indirecta. Neste aspecto, é importante realçar que o número de materiais itálicos, apesar de inegavelmente interessantes, é muito reduzido, com apenas três exemplares. Esta escassez, associada à presença, como sempre dominante, de outros materiais sul peninsulares, parece indicar que a chegada destas primeiras produções itálicas ao sítio ter-se-ia efectuado no quadro da esfera comercial e cultural gaditana. Assim, estes contactos seriam de natureza indirecta, e não resultantes de uma presença efectiva ou de relações directas com agentes com essa origem. Neste âmbito, caberia ainda recordar que os dois exemplares de cerâmica comum que poderiam, eventualmente, corresponder a vasos de cozinha gaditanos, situação que, até ao momento, era também inédita no território português, e que, curiosamente, não volta a emergir nos repertórios algarvios republicanos do final do século II – início do século I a.n.e. (Sousa e Arruda 2014). Contudo, cabe também salientar que a possibilidade destes vasos serem de origem itálica não pode ser completamente afastada, pelo menos até existir a possibilidade de realizar análises arqueométricas.

Em termos artefactuais, não podemos deixar de estranhar a ausência, entre o conjunto exumado na U.E. [310], de ânforas do tipo T-9.1.1.1, estranheza que pode ser estendida à própria Idade do Ferro (Sáez 2008; 2014). Como já tivemos oportunidade de comentar em outros trabalhos (Sousa 2017), esta realidade poderá relacionar-se com circuitos muito específicos da comercialização destes contentores, porventura mais direccionados para os territórios orientais da Península Ibérica.

De qualquer forma, estes dados do Monte Molião permitem colmatar uma das falhas contextuais e estratigráficas da ocupação do sítio, indicando uma evidente continuidade nessa ocupação entre o final do século III a.n.e. e a primeira metade do século II a.n.e.

Ainda assim, entre as várias fases de ocupação documentadas no local, deve assumir-se que contextos típicos do terceiro quartel do século II a.n.e., e que estão muito bem caracterizados em outras zonas do território português, como é o caso de Lisboa (Pimenta 2005; Pimenta *et alli* 2014) e, talvez, de Mértola (Soria 2018; García Fernández 2019), não foram ainda identificados no sítio algarvio.

## BIBLIOGRAFIA

- Alves, C. 2010: *A Cerâmica Campaniense de Mesas do Castelinho*, Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Arruda, A. e Pereira, C. 2010: "Fusão e produção: actividades metalúrgicas em Monte Molião (Lagos), durante a época romano-republicana", *Xelb* 10, 695-716.
- Arruda, A. M. e Sousa, E. 2013: "Ânforas Republicanas de Monte Molião (Lagos, Algarve, Portugal)", *Spal* 22, 101-141 (<https://doi.org/10.12795/spal.2013.i22.05>).
- Arruda, A., Sousa, E., Bargão, P. e Lourenço, P. 2008: "Monte Molião (Lagos): Resultados de um projecto em curso", *Xelb* 8, 161-192.
- Arruda, A. M., Sousa, E., Pereira, C. e Lourenço, P. 2011: "Monte Molião: um sítio púnico-gaditano no Algarve (Portugal)", *Conimbriga* 50, 5-32.
- Arruda, A. M. e Viegas, C. 2016: "As ânforas alto imperiais de Monte Molião", in R. Járrega e P. Berni (eds.): *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consumo*, Monografías Ex Officina Hispana III, Tarragona, 446-463.
- Arruda, A. M., Pereira, C. e Sousa, E. 2020: "As estruturas domésticas de época romana em Monte Molião (Lagos, Portugal)" In A. Pizzo (Ed.) *La arquitectura doméstica urbana de la Lusitania romana*, *Mytra* 6. Mérida: (CSIC-Junta de Extremadura), 183-194. .
- Bernal Casasola, D. e Sáez Romero, A. 2008: "Opérculos y ánforas romanas en el Círculo del Estrecho. Precisiones tipológicas, cronológicas y funcionales", in *Rei Cretariae Romanae Acta* 4, Abingdon, 455-472.
- Carretero Poblete, P. A. 2004: *Las ánforas tipo "Tiñosa" y la explotación agrícola de la Campiña Gaditana entre los siglos V y III a. C.* Dissertação de Doutoramento Inédita, Universidad Complutense de Madrid.
- Conde Berdós, M. J. 1991: "Les productions de kálathoi d'Empúries i la seva difusió mediterrània (segles II-I a.n.e.)", *Cypsela* 9, 141-168.
- Dias, V. 2010: *A cerâmica campaniense de Monte Molião*. Dissertação de Mestrado, Universidad de Lisboa.
- Dias, V. 2015: "A cerâmica campaniense do Monte Molião, Lagos. Os hábitos de consumo no Litoral Algarvio durante os séculos II a. C. e I a. C.", *Spal* 24, 99-128.
- García Fernández, F. 2019: "Rumbo a poniente: el comercio de ánforas turdetanas en la costa atlántica de la península ibérica (siglos V-I a. C.)", *Archivo Español de Arqueología* 92, 119-153. (<https://doi.org/10.3989/aespa.092.019.007>)
- Pellicer Catalán, M. 1978: "Tipología y cronología de las ánforas preromanas del Guadalquivir según el Cerro Macareno (Sevilla)", *Habis* 9, 365-400.
- Pereira, C. e Arruda, A. M. 2016: "As lucernas romanas do Monte Molião (Lagos, Portugal)", *Spal* 25, 149-181. (<https://doi.org/10.12795/spal.2016i25.06>)
- Pimenta, J. 2005: *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*, Lisboa.
- Pimenta, J., Gaspar, A., Gomes, A., Mota, B. e Miranda, P. 2014: "O estabelecimento romano republicano de Olisipo: estrutura e contextos do Beco do Forno do Castelo, Lote 40 – Lisboa", *Cira – Arqueologia* 3, 122-148.
- Principal, J. e Ribera i Lacomba, A. 2013: "El material más apreciado por los arqueólogos. La cerámica fina – la cerámica de barniz negro", in A. Ribera i Lacomba (ed.): *Manual de cerámica romana del mundo Helenístico al Imperio Romano*, Alcalá de Henares, 41-146.
- Py, M. 1993: "Campanienne A", in *Dictionnaire des céramiques antiques de Méditerranée occidentale (Lattara 6)*, Lattes, 146-150.
- Morel, J. P. 1981: *Céramique Campanienne: les formes*, Paris.
- Niveau De Villedary y Mariñas, A. M. 2003: *Las Cerámicas Gaditanas "Tipo Kuass". Bases para el análisis de la Bahía de Cádiz en época púnica*, Cádiz.
- Ramon Torres, J. 1995: *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterraneo central e occidental*, Barcelona.
- Sáez Romero, A. M. 2005: "Aproximación a la tipología de la cerámica común púnico-gadirita de los ss. III-II", *Spal* 14, 145-177.
- Sáez Romero, A. 2008: *La producción cerámica en Gadir en época tardopúnica (siglos –III/-I)*, British Archaeological Reports. International Series 1812, Oxford.
- Sáez Romero, A. 2014: *Alfares y saladeros de Gadir. Una aproximación arqueológica a la economía conservera de la Bahía de Cádiz en época púnica y tardopúnica (siglos -VI a -I)*. Dissertação de Doutoramento, Universidad de Cádiz.
- Sáez Romero, A. 2018a: "Apuntes sobre las dinámicas comerciales de Gadir entre los siglos VI y III a. C.", *Gerión* 36-1, 11-40.
- Sáez Romero, A. 2018b: "Pucheros y fogones. Aproximación a la evolución de la producción de «cerámicas de cocina» púnicas y tardopúnicas en Gadir", *Ophiussa* 3, 137-166.
- Soria, V. 2018: *La cerámica a vernice nera italiana e le imitazioni a impasto grigio in Portugal tra il II e il I secolo a. C.: una prospettiva di studio*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Sousa, E. 2009: *A cerâmica de tipo Kuass no Algarve*, Lisboa.
- Sousa, E. 2017: "Sobre o início da romanização do Algarve: 20 anos depois", *Archivo Español de Arqueología*, 90, 195-218. (doi: 10.3989/aespa.090.017.009)
- Sousa, E. e Arruda, A. M. 2010: "A gaditanização do Algarve", *Mainake* 32 (II), 951-974.
- Sousa, E., Alves, C. e Pereira, T. 2016: "O conjunto anfórico da urbanização do Moleão, Lagos (Portugal)", in R. Járrega e P.

- Berni (eds.): *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consumo*, Monografías Ex Officina Hispana III, Tarragona, 464-478.
- Sousa, E. e Arruda, A. M. 2013: "A cerâmica de tipo Kuass de Monte Molião (Lagos)", in *Arqueologia em Portugal. 150 anos. Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, 651-659.
- Sousa, E. e Arruda, A. M. 2014: "A cerâmica comum romano-republicana de Monte Molião (Lagos)", *Onuba* 2, 55-90.
- Sousa, E. e Arruda, A. M. 2018: "A cerâmica de paredes finas de Monte Molião (Lagos, Portugal)", *Cuadernos Prehistoria y Arqueología Universidad Autónoma de Madrid* 44, 201-226. (doi: <http://doi.org/10.15366/cupauam2018.44.011>)
- Sousa, E., Pereira, C. e Arruda, A. M. 2019: "O serviço de mesa de época romana republicana de Monte Molião (Lagos, Portugal)", in J. Coll Conesa (coord.): *Opera Fictiles. Estudios transversales sobre cerâmicas antiguas de la Península Ibérica*, Madrid, 357-368.
- Will, E. L. 1982: "Greco-Italic amphoras", *Hesperia* 51-3, 338-356.